

**ENTRE A VOZ E O ECO:
LEITURAS DIALÓGICAS DO FEMININO DE *LUCÍOLA* A *TUDO É RIO***

Mariana Vidotti¹
Saulo Gomes Thimóteo²

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira construiu, ao longo de sua história, diferentes formas de representar o feminino, frequentemente atravessadas por discursos morais, religiosos e patriarcais que condicionaram o lugar da mulher à culpa, ao sacrifício e à renúncia. Em especial, a figura da prostituta ocupa um espaço simbólico privilegiado nesse imaginário, funcionando como ponto de condensação de tensões entre erotismo e religiosidade, desejo e punição, corpo e redenção. Nesse cenário, *Lucíola*, de José de Alencar, e *Tudo é rio*, de Carla Madeira, embora separados por mais de um século, dialogam intensamente ao reinscreverem essa figura feminina em seus respectivos contextos históricos e discursivos.

Em *Lucíola*, romance emblemático do Romantismo urbano brasileiro, a personagem Lúcia é apresentada ao leitor por meio da voz masculina de Paulo, narrador que organiza, interpreta e moraliza sua trajetória. A prostituta surge como corpo marcado pelo pecado, cuja possibilidade de redenção está condicionada à abnegação extrema e à morte. O romance articula erotismo e religiosidade de forma indissociável, inscrevendo o feminino em uma lógica sacrificial que reafirma valores cristãos e patriarcais do século XIX. Já em *Tudo é rio*, romance contemporâneo de Carla Madeira, a prostituta Lucy não ocupa apenas o lugar de objeto narrado, mas emerge como sujeito de desejo, contradição e conflito. Ao lado de outras personagens femininas — como Dalva e Francisca de Assis —, ela participa de uma narrativa atravessada por múltiplas vozes, afetos e experiências, nas quais a religiosidade não desaparece, mas perde seu caráter absoluto e unívoco.

Partindo dessas diferenças, este trabalho propõe uma leitura comparativa das duas obras à luz do pensamento de Mikhail Bakhtin, compreendendo *Tudo é rio* como uma resposta discursiva ao romance oitocentista. Essa leitura apoia-se no princípio do dialogismo, segundo o qual toda obra literária se constitui como resposta a discursos anteriores e se inscreve em uma cadeia de réplicas históricas (Bakhtin, 2003). A hipótese central é a de que o texto de Carla Madeira não rompe simplesmente com a tradição representada por *Lucíola*, mas a reinscreve criticamente, deslocando o feminino de um regime monológico e moralizante para um campo polifônico e tensionado. Para sustentar essa análise, mobilizam-se as categorias bakhtinianas de dialogismo, monologismo, polifonia e discurso autoritário, entendendo a literatura como espaço privilegiado de confronto entre vozes e valores historicamente situados.

¹ Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual do Centro Oeste – Unicentro. marianavidotti.mv@gmail.com

² Doutor. Orientador. Professor do Curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Realeza*. saulo.thimoteo@uffs.edu.br

1 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, qualitativa e de natureza teórico-interpretativa, fundamentada na análise comparativa de obras literárias e textos críticos. O estudo parte da leitura de *Lucíola* e *Tudo é rio*, articulando-as ao pensamento de Mikhail Bakhtin e a estudos contemporâneos sobre representação do feminino, erotismo e moralidade.

O método de abordagem utilizado é o dialético-comparativo, considerando as relações históricas e discursivas entre os romances analisados. A investigação busca compreender como diferentes formações discursivas organizam a representação da mulher prostituta em contextos distintos da literatura brasileira. Para isso, mobilizam-se conceitos centrais da teoria bakhtiniana, como dialogismo, monologismo, polifonia e discurso autoritário, além das contribuições críticas de Eliane Robert Moraes e Silvia Federici acerca da relação entre corpo feminino, sexualidade e controle social.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A construção da personagem Lúcia, em *Lucíola*, está profundamente ancorada no imaginário cristão do século XIX, que associa a sexualidade feminina à culpa e à queda moral. Desde sua aparição, a prostituta é enquadrada por uma narrativa que oscila entre fascínio e repulsa, desejo e condenação. Essa ambivalência, contudo, não resulta em abertura discursiva, mas em um processo contínuo de moralização conduzido pela voz masculina do narrador.

Essa dinâmica encontra ressonância nas reflexões de Eliane Robert Moraes em *O decore de uma cortesã*, quando a autora demonstra que a prostituta ocupa, historicamente, um lugar paradoxal na cultura ocidental: ao mesmo tempo em que é objeto privilegiado do desejo masculino, é submetida a um rigoroso processo de vigilância moral e simbólica. Para Moraes (2019), a prostituta ameaça a ordem social justamente por expor a dissociação entre sexualidade e matrimônio, fundamento da moral cristã burguesa.

No pensamento de Bakhtin, esse funcionamento aproxima-se do conceito de discurso autoritário, desenvolvido em *Estética da criação verbal*. Segundo o autor, trata-se de um discurso que exige reconhecimento e não admite réplica, impondo-se como verdade acabada e exterior ao sujeito (Bakhtin, 2003). Em *Lucíola*, a moral cristã opera exatamente nesse registro, organizando a narrativa sob um horizonte normativo absoluto.

Já em *Tudo é rio*, observa-se um deslocamento significativo na forma de construção das personagens e dos sentidos que atravessam a narrativa. O romance de Carla Madeira estrutura-se a partir de múltiplas vozes e experiências, recusando uma perspectiva única capaz de organizar plenamente os acontecimentos. Lucy, Dalva, Venâncio e Francisca de Assis coexistem em um espaço narrativo marcado por afetos contraditórios, memórias fragmentadas e discursos em conflito.

Essa configuração aproxima-se do conceito de polifonia elaborado por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski*. Segundo o autor, um romance polifônico distingue-se por não submeter as personagens à consciência soberana do autor. As vozes que o compõem não são objetos de explicação ou julgamento externo, mas sujeitos de uma palavra própria, portadora de valores, contradições e visões de mundo irredutíveis à perspectiva autoral.

3 ANÁLISE

A possibilidade de ler *Tudo é rio* como resposta a *Lucíola* fundamenta-se diretamente no princípio do dialogismo, eixo central do pensamento bakhtiniano. Para Bakhtin, toda enunciação se constitui como resposta a discursos anteriores e se inscreve em uma cadeia histórica de réplicas, antecipando novos posicionamentos (Bakhtin, 2003). Nenhuma obra literária emerge do vazio; ela dialoga com tradições, discursos e valores que a precedem.

Nesse sentido, *Lucíola* organiza o feminino a partir de uma moral cristã rígida, sustentada por um narrador masculino que detém a autoridade interpretativa. Já *Tudo é rio* reinscreve criticamente essa tradição, deslocando seus pressupostos e tensionando seus limites. O romance contemporâneo não nega a presença da religiosidade nem da culpa, mas retira desses elementos seu caráter absoluto, inserindo-os em um campo discursivo plural e instável.

Lucy, personagem de Carla Madeira, encarna esse deslocamento. Diferentemente de Lúcia, ela não é conduzida a um percurso de purificação moral nem à anulação do corpo como forma de salvação. Sua trajetória é marcada por excessos, rupturas e contradições que não se resolvem em um sentido final. Trata-se de uma personagem que deseja, sofre e age sem que sua experiência seja reduzida a uma lição moral.

Essa multiplicidade de afetos e perspectivas permite compreender *Tudo é rio* como um romance polifônico, no qual emoções divergentes coexistem sem serem submetidas a uma lógica moral única. Diferentemente do romance oitocentista, o texto contemporâneo não exige da mulher a expiação como condição de existência. Ao contrário, afirma sua complexidade e sua irredutibilidade a um único destino discursivo.

CONCLUSÃO

A leitura comparativa de *Lucíola* e *Tudo é rio*, à luz do pensamento de Mikhail Bakhtin, permite compreender como a literatura brasileira reinscreve, em diferentes momentos históricos, os discursos sobre o feminino, o corpo e a moral. Enquanto o romance oitocentista se estrutura a partir de um regime monológico e autoritário, que silencia a agência feminina e naturaliza o sacrifício como destino, o romance contemporâneo opera por meio da polifonia e do dialogismo, abrindo espaço para a coexistência de vozes, afetos e experiências contraditórias.

Ao funcionar como resposta discursiva a *Lucíola*, *Tudo é rio* não apenas desloca a figura da prostituta, mas questiona os fundamentos morais que sustentaram sua representação literária. Nesse gesto, o feminino deixa de ser objeto de redenção para afirmar-se como presença complexa, atravessada por tensões que não se resolvem em uma verdade única.

Assim, a partir de Bakhtin, é possível afirmar que a literatura contemporânea não apaga os discursos do passado, mas os reinscreve criticamente, revelando a narrativa literária como espaço privilegiado de disputa simbólica e reinvenção dos sentidos sociais.

REFERÊNCIAS



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

ALENCAR, José de. **Lucíola**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

MADEIRA, Carla. **Tudo é rio**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MORAES, Eliane Robert. **O decoro de uma cortesã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.